

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LICENCIATURA EM FILOSOFIA – FACH**  
Maria Eduarda Rodrigues da Silva

**Uma introdução à “Filosofia da Psicanálise”**

**CAMPO GRANDE**

**2023**

Maria Eduarda Rodrigues da Silva

**Uma introdução à “Filosofia da Psicanálise”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto.

**CAMPO GRANDE**

**2023**

MARIA EDUARDA RODRIGUES DA SILVA

**Uma introdução à “Filosofia da Psicanálise”**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Banca Examinadora da  
Universidade Federal de Mato Grosso do  
Sul, como pré-requisito para obtenção do  
título de Licenciado em Filosofia.

Campo Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (Orientador)

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos (Examinador)

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

---

Profa. Dra. Máira de Souza Borba (Examinadora)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

*Foram necessários quase sessenta anos para aprendermos como não se deve ler Freud. Temos muito pouco tempo de trabalho e muitos problemas.*

**Monzani**

*Freud: O movimento de um pensamento*

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha mãe e ao  
meu falecido avô.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço especialmente minha mãe Alessandra, por todo seu amor, atenção e zelo em cada etapa deste processo, me oferecendo sempre doses de amor para continuar, sem ela, isso não seria possível. Agradeço a minha família, por sempre me incentivar a lutar pelos meus objetivos e me apoiar em todas as decisões durante este período extremamente difícil. Agradeço em especial minhas amigas Yasmin e Milena, que durante todo esse processo me incentivaram a escrever, acreditaram em mim e me acolheram neste período complicado. Agradeço ao meu orientador, Weiny César Freitas Pinto por toda sua ajuda, conversas, ensinamentos e compreensão em momentos em que achei que não conseguiria, seus ensinamentos foram essenciais para que eu entendesse o valor da leitura, escrita e persistência para um pesquisador. Agradeço, aos professores do curso de filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que me fizeram compreender o papel e a importância de um professor de filosofia na vida dos alunos e alunas. Agradeço ao meu padrasto pelas várias palavras carinhosas e de incentivo, em que mesmo cansado fez de tudo para que eu concluísse este trabalho, me buscando todos os dias na faculdade.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo introduzir e examinar o que é a *filosofia da psicanálise*, a partir da perspectiva presente nos textos de Luiz Roberto Monzani (1946-2021), *O que é Filosofia da Psicanálise?* (2008), *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas* (1988) e *Freud: o movimento de um pensamento* (1989). Para tanto, propõe-se em um primeiro momento, um mapeamento da história da filosofia brasileira da psicanálise de modo a introduzir ao leitor o que é a *filosofia da psicanálise* e como ela se constituiu no Brasil, perpassando pelos principais dados históricos de sua constituição, juntamente aos seus principais precursores. Em um segundo momento, pretende-se promover uma discussão e apresentação da definição dessa área de filosofia da psicanálise em Monzani, tomando como aparato os materiais mais relevantes produzidos acerca de seu sistema filosófico, tendo em vista as diversas leituras e perspectivas dos seus principais intérpretes no Brasil. Por fim, objetiva-se finalmente, introduzir, dentro de um parâmetro considerável, a história e participação das mulheres no desenvolvimento da *filosofia da psicanálise* no Brasil, tendo em vista as atividades desenvolvidas por pesquisadoras neste campo de pesquisa.

**Palavras-chave:** Filosofia da Psicanálise. Brasil. Campo de Pesquisa. Luiz Roberto Monzani. Mulheres.

## ABSTRACT

The present research aims to introduce and examine what is the philosophy of psychoanalysis, from the perspective present in the texts of Luiz Roberto Monzani (1946-2021), *What is Philosophy of Psychoanalysis?* (2008), *Philosophical Discourse and Psychoanalytic Discourse: Balances and Perspectives* (1988) and *Freud: The Movement of a Thought* (1989). To this end, it is proposed, at first, a mapping of the history of the Brazilian philosophy of psychoanalysis in order to introduce to the reader what phylum is what is the philosophy of psychoanalysis and how it was constituted in Brazil, going through the main historical dates of its constitution, along with its main precursors. In a second moment, it is intended to promote a discussion and presentation of the definition of this area of philosophy of psychoanalysis in Monzani, taking as apparatus the most relevant materials produced about his philosophical system, in view of the various readings and perspectives of its main interpreters in Brazil. Finally, the objective is to introduce, within a considerable parameter, the history and participation of women in the development of the philosophy of psychoanalysis in Brazil, in view of the activities developed by researchers in this field of research.

**Keywords:** Philosophy of Psychoanalysis. Brazil. Search Field. Luiz Roberto Monzani. Women.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
1. Mapeamento histórico sobre a Filosofia brasileira da Psicanálise.....	11
<b>CAPÍTULO II</b>	
2. A Filosofia da Psicanálise em Monzani .....	20
<b>CAPÍTULO III</b>	
3. A participação da Mulher na filosofia brasileira da psicanálise.....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso consiste em apresentar os resultados da pesquisa realizada no interior do Programa de Iniciação Científica. Este projeto consistiu em realizar um levantamento sistemático e produzir um mapeamento descritivo da área de pesquisa em *filosofia da psicanálise* no Brasil, tanto em termos de inserção institucional e processos de formação de pesquisadores, quanto de produção teórica. Levando isso em consideração, durante os 12 meses de projeto foram desenvolvidos trabalhos, como, por exemplo, um levantamento sistemático sobre o tema da pesquisa em bases de dados científica – Scielo, periódicos capes, repositórios institucionais, Philpapers, Bireme e plataforma Lattes. Com isso, após as considerações finais será apresentado o anexo sobre este levantamento bibliográfico sobre a área de pesquisa em *filosofia da psicanálise* no Brasil. Além disso, após alguns treinamentos nas principais bases de dados em ciências humanas, foi ministrado um Workshop sobre Bases de dados científica para os acadêmicos de ciências humanas da UFMS, para reverberar ainda mais a importância deste aparato para pesquisas no interior de seus projetos.

O problema que envolve essa pesquisa pode ser concebido inicialmente pela questão da recepção da *filosofia da psicanálise* no Brasil, assim como a introdução e definição deste campo de pesquisa filosófica, sob a percepção de Monzani. Além disso, é necessário explicitar ainda, as contribuições que este filósofo brasileiro trouxe para esse novo campo de pesquisa, visto que, foi a partir dele e de outros pesquisadores que se tem nos dias de hoje um estudo aprofundado sobre o tema no Brasil, principalmente com estudos de sua obra, a qual se tornou uma das fontes mais importantes de investigação neste campo de pesquisa filosófico e psicanalítico.

Nos dias atuais, pouco se tem falado no marco histórico desenvolvido sobre o trabalho árduo de pesquisa e definição que três filósofos brasileiros realizaram a respeito da chamada *filosofia da psicanálise*. No Brasil, na década de 80 surgiram as primeiras obras com temas e questões relacionados à *filosofia da psicanálise*, trabalhos estes que se tornaram pioneiros e de grande importância para os estudiosos e pesquisadores dos dias atuais, aqueles que hoje fazem jus às pesquisas e aos estudos feitos por Monzani. Além disso, também será apresentada a contribuição que outros pesquisadores tiveram na constituição desta linha de pesquisa, assim como Monzani, trabalhos como de Mezan e Prado Jr., serão discorridos ao decorrer deste trabalho.

Tendo isso em vista, faz-se necessário repercutir e trazer à tona para o público geral, as principais ações e colaborações de Prado Jr., Monzani, e Mezan a respeito da *filosofia da psicanálise*, pois seus trabalhos foram além da interlocução entre a filosofia e a psicanálise, chegando à recepção de Freud por alguns filósofos específicos. No seu artigo *O que é filosofia da psicanálise?*, Monzani faz ponderações de extrema relevância a respeito de como se deve retratar esse “novo” campo de pesquisa, muitas vezes sendo visto como um mero modismo e não como um verdadeiro e genuíno campo de pesquisa filosófico.

Serão apresentados no primeiro capítulo uma espécie de mapeamento da história da filosofia brasileira da psicanálise de modo a introduzir o leitor ao que é a *filosofia da psicanálise* e como ela se constituiu no Brasil, perpassando pelos principais dados históricos de sua constituição, juntamente aos seus principais precursores. No segundo capítulo será discutido e apresentado a definição da área de *filosofia da psicanálise* em Monzani, tomando como aparato os materiais mais relevantes produzidos acerca de seu pensamento filosófico, tendo em vista as diversas leituras e perspectivas dos seus principais intérpretes no Brasil. Por fim, no capítulo três será feita uma análise, dentro de um parâmetro considerável, a respeito da história e participação das mulheres no desenvolvimento da *filosofia da psicanálise* no Brasil, tendo em vista as imprescindíveis atividades e feitos de pesquisadoras neste campo de pesquisa.

Este trabalho de pesquisa surge, portanto, com o intuito de refletir e debater, tanto no âmbito da comunidade acadêmica quanto da comunidade externa, as contribuições e perspectivas trazidas por Monzani desde a década de 80, quando surgiram os primeiros textos a respeito do assunto. A hipótese desta pesquisa é demonstrar ao leitor que a *filosofia da psicanálise* é uma disciplina autônoma, que busca identificar o modo próprio como a ciência freudiana estabelece suas teses, sua linguagem e seus paradigmas. Além disso o intuito é colaborar para a expansão e divulgação das contribuições teóricas que os estudos e obras de Monzani proporcionaram para a *filosofia da psicanálise*, mais especificamente, no território nacional.

## 1. Mapeamento histórico sobre a Filosofia brasileira da Psicanálise

O objetivo geral desse primeiro capítulo é introduzir o leitor ao que é a *filosofia da psicanálise* e como ela se constituiu no Brasil, por meio de uma espécie de mapeamento da história da filosofia brasileira da psicanálise, perpassando pelos principais datados históricos de sua constituição, juntamente aos seus principais influenciadores. Utilizando de entrevistas, teses, seminários e até mesmo aulas gravadas, será concebida aqui, uma espécie de retomada histórica em ordem cronológica a respeito dos principais trabalhos e principais autores que fizeram desta disciplina um marco na história da filosofia contemporânea brasileira.

Que a *filosofia da psicanálise* é uma disciplina que está em constante desenvolvimento, desde sua constituição, isso não podemos negar. Esse diálogo se fez dentro de um cenário europeu, em que relação entre essas duas áreas do saber nasceu muito cedo. A relação desta disciplina está fortemente ligada aos clássicos autores contemporâneos, como o chamado “pai” da psicanálise, Freud, que mesmo não sendo um filósofo, tinha um apreço e interesse direcionado à filosofia, interesse esse que se dava através da psicologia. Essa interlocução já vinha sendo feita há anos, em conteúdos e temas que são tratados e trabalhados tanto na psicanálise como na filosofia. No entanto, o tema foco deste capítulo não perpassará pelo nascimento dessa relação no cenário europeu - mesmo sendo um assunto que valeria a pena discutir - mas sim como tal relação se desenvolveu dentro do cenário brasileiro, mais especificadamente, no cenário paulista.

A partir dos anos 80 começaram a se iniciar os primeiros trabalhos a respeito da interlocução entre a filosofia e a psicanálise no Brasil, no estado de São Paulo. Esses primeiros trabalhos consistiam em uma espécie de estudo da psicanálise em um “âmbito” filosófico. Isso porque ainda não se tinha uma noção do avanço em pesquisas no âmbito brasileiro. Dentre os nomes que veremos no decorrer deste primeiro capítulo, está o de Renato Mezan (1950), o pioneiro e um dos grandes nomes desta disciplina, dentro do território brasileiro.

Até onde consigo lembrar, o pioneiro ali foi o psicanalista Renato Mezan que defendeu uma dissertação de mestrado sobre Freud na pós-graduação em filosofia da USP em 1977, sob a orientação de Marilena Chauí. Não conheço nenhum outro trabalho acadêmico em filosofia sobre Freud realizado antes disso, pelo menos não formalmente. (SIMANKE, 2014, p. 209).

Renato Mezan é um psicanalista que desenvolveu sua dissertação de mestrado sobre Freud na pós-graduação em filosofia da USP em 1977, orientado pela Marilena

Chauí (1941), enquanto os trabalhos sobre Freud ainda eram muitos incipientes, visto que, nesta época, a área de pesquisa em *filosofia da psicanálise* sequer existia. Segundo Simanke, em uma entrevista feita a respeito dessa recepção e de seus principais autores, Marilena Chauí foi uma das grandes precursoras nessa história de recepção, pois se propôs a orientar os principais autores desta disciplina.

Marilena tinha interesses teóricos bastante abrangentes e era suficientemente receptiva para aceitar um projeto com esse tema. Na época, ou um pouco depois, a Editora Brasiliense estava lançando a coleção Primeiros Passos, de livros introdutórios sobre os mais variados assuntos. Marilena escreveria o volume *O que é ideologia?*, que foi o grande best-seller da coleção (Chauí, 1980). Ela se comprometera, também, a escrever um volume sobre repressão sexual, mas, segundo seu próprio testemunho, ultrapassou em muitos as dimensões permitidas pela coleção, de modo que o livro acabou sendo publicado em outro formato, pela própria Brasiliense, com o título *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida* Chauí, 1982. Seja como for, esse é um tema que passa inevitavelmente por uma referência à psicanálise, de modo que se pode inferir que esta se encontrava no horizonte de seus interesses intelectuais entre o fim dos anos 70 e o início dos anos 80. Assim, é compreensível que ela tenha se disposto a orientar o mestrado de Mezan, concluído em 1977 e, depois, seu doutorado, concluído em 1981. (SIMANKE, 2014, p. 210).

Além de orientar Mezan em seu mestrado, Chauí seguiu o orientando em sua tese de doutorado, a qual, o psicanalista o concluiu no Depto. de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras da Universidade de São Paulo em 1981. O autor trouxe para o campo da filosofia brasileira da psicanálise, tanto em seu mestrado, quanto em seu doutorado, obras de extrema importância que contribuíram decisivamente para que se fosse feita uma leitura filosófica de Freud. A obra foi o resultado auferido de uma dissertação em filosofia defendida na USP alguns anos antes e foi intitulada *Freud: a trama dos conceitos* (1982). Segundo Simanke “assim, o mestrado de Mezan deu origem ao *seu Freud: a trama dos conceitos*, publicado pela Editora Perspectiva (Mezan, 1982), e seu doutoramento foi publicado pela Editora Brasiliense, com o título de *Freud, pensador da cultura* (Mezan, 1985)” (2014, v, 1, p. 210). Nesta época, os trabalhos confeccionados de dissertações e teses foram revisados, analisados e publicados em forma de obras, que posteriormente seriam referência no campo filosófico e psicanalítico.

Em 1981, Luiz Roberto Monzani (1946-2021) – um dos grandes fundadores do campo da filosofia da psicanálise no Brasil – foi um filósofo brasileiro formado pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou seu doutorado também orientado por Marilena Chauí com ênfase no pensamento de Freud, o qual, mais tarde se transformou em uma das obras mais notáveis do campo da filosofia brasileira da psicanálise *Freud: o movimento de um pensamento*. Foi docente na Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP), entre os anos de 1975 e 2004 e professor-colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (PPGF/UFSCar). É possível dizer que, foi a partir da USP, berço de sua formação, que surgiram os primeiros avanços dessa linha de pesquisa, com o curso de especialização “Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise”, entre os anos de 1984 e 1997. Monzani junto a outro filósofo importante para o campo da *filosofia da psicanálise*, Bento Prado Jr. (1937-2007), consolidou a investigação acerca da *filosofia da psicanálise* no Brasil.

Neste período, as obras de Mezan e Monzani, abriam caminho para que os estudantes da época pudessem finalmente obter alternativas de pesquisa para buscar compreender a teoria de Freud, já que antigamente os estudantes e pesquisadores não tinham acesso fácil, como temos nos dias de hoje, a bases de dados e exemplares de obras que falassem sobre o assunto. Contudo, essa caminhada não para por aí, pois como dito anteriormente, Mezan e Monzani abriram caminhos para que se pudesse estudar e dar início a uma nova área de pesquisa que pudesse compreender as diferentes formas de se ler Freud por meio filosófico.

Havia pouquíssimas alternativas para quem quisesse, como era o meu caso, entender alguma coisa da teoria freudiana, para além das peças soltas que recolhíamos aqui e ali em aulas, palestras, onde desse. Similarmente, quando entrei na pós-graduação em 1988, assim que o livro de Monzani saiu em 1989, passou a ser devorado avidamente por todos que pretendiam realizar um trabalho teórico e acadêmico sobre Freud. (SIMANKE, 2014, p. 210).

Pode-se dizer que a Unicamp foi espaço de projetos e iniciativas no processo de desenvolvimento desta área de pesquisa no Brasil, que se iniciou alguns trabalhos interdisciplinares, cursos de especialização e linhas de pesquisas voltadas para a psicanálise. Esses projetos tinham como principais organizadores, Osmyr Gabbi Jr., Bento Prado Jr., e Monzani.

Em 1977, tinha sido ali criado, por iniciativa de Oswaldo Porchat, o Centro de Lógica e Epistemologia e História da Ciência (CLE), voltado para um trabalho interdisciplinar e reunindo pesquisadores de diversos setores da Unicamp e de outras instituições, e não só da filosofia. Em 1984, o CLE começou a oferecer um curso de pós-graduação lato sensu (especialização) em "Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise" o famoso FFPP. Essa iniciativa serviu para congregar em torno do projeto aqueles que trabalhavam na interface entre filosofia e psicanálise na Unicamp e em instituições associadas: Zeljko Loparic - cuja área de pesquisa transitava mais entre Kant e Heidegger, mas que começava então a se interessar por Freud -, que foi o primeiro diretor do FFPP; Osmyr Gabbi Jr., que vinha da psicologia, mas que defendera uma tese histórica e filosófica sobre os primórdios da obra freudiana na psicologia da USP e que agora estava na filosofia da Unicamp; Monzani, de quem já falamos; e Bento Prado Jr., que nesse momento já estava efetivado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), geograficamente próxima a Campinas e onde em breve surgiria uma pós-graduação stricto sensu em

filosofia com uma linha de pesquisa voltada para a psicanálise. (SIMANKE, 2014, p. 211).

Esses projetos não só beneficiaram os alunos matriculados dentro da universidade, mas também pesquisadores que começariam a dar seus primeiros passos com trabalhos a respeito da *filosofia da psicanálise* dentro do território brasileiro. Com os avanços dentro da Unicamp, as obras de Mezan e Monzani abrindo cada vez mais o leque para pesquisadores de outras instituições trabalharem suas linhas de interesse entre a filosofia e a psicanálise, projetos de pesquisa sendo confeccionados e as iniciativas de trabalhos interdisciplinares - chamando atenção de pesquisadores e docentes de outras instituições tanto da área da filosofia como de outras áreas do saber – a linha de pesquisa avançava passo a passo. No entanto, precisamos falar também que nessa época, o Brasil sofria de uma violenta repressão do regime militar instaurado no país, sob as universidades, principalmente na oposição do ensino de filosofia e as ciências humanas em geral nas instituições, como também, a cassação de docentes pelas forças militares.

Vale aqui ressaltar e dar maior enfoque em um dos nomes já citados anteriormente como um dos precursores da recepção da filosofia da psicanálise no Brasil, o qual, mesmo não tendo muitos escritos sobre esse campo de pesquisa e participando dele por um momento breve, teve um papel crucial na constituição dessa área de pesquisa. Bento Prado de Almeida Ferraz Jr., (1937-2007), formado na USP – na tradição da história da filosofia de inspiração francesa, mas, paralelamente, com fortes inclinações pela literatura (Arantes, 1994), foi professor de filosofia na Universidade de São Paulo (USP) em 1960 e do Departamento de filosofia e metodologia das ciências humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), desde 1977, docente emérito da universidade de São Paulo (USP) desde 1988, e colaborador das instituições como Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e por fim, a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

O docente, além de ajudar diversos pesquisadores e alunos com suas contribuições filosóficas, foi orientador de uma das filósofas mais reconhecidas e influentes nos dias atuais, Marilena Chauí – a qual, foi orientadora de seus colegas, Mezan e Monzani, em suas teses e dissertações - orientanda de Prado Jr., em seu mestrado, em 1967.

Num artigo de 2003, sua ex-aluna e ex-orientanda de mestrado (1967) Marilena Chauí escreveu que, com ele, aprendeu o sentido de uma existência filosófica docente formadora: “Com ele aprendi que há ensino filosófico quando o professor não se interpõe entre o estudante e o saber”. Se há ensino filosófico quando o estudante também se torna professor, diz Chauí, isso ocorre

porque o professor não é senão o signo de uma busca infinita, aberta a todos. Em outras palavras, acrescenta, com Prado Jr. descobriu o sentido da liberdade que preside ensinar e aprender. (Revista pesquisa FAPESP. Gonçalo Junior, 2007).

O autor e filósofo tinha um currículo de grande peso, visto suas colaborações, projetos de pesquisa e orientações, todavia, Prado Jr., foi caçado pelo regime militar e desligado da universidade de São Paulo (USP), na qual foi professor de 1961 a 1969, e retirado por um decreto feito pelo próprio presidente na época. Neste período, o presidente vigente decretou a cassação e a aposentadoria de mais de 23 docentes contratados pelo instituto, a maioria compunha o quadro de professores das ciências humanas em geral dentro da instituição. Assim que foi aposentado pelo AI-5 compulsoriamente, Bento Prado Jr., se exilou na França e no País se prosseguiu seus estudos relacionados a Rousseau (1712-1778).

Exilado França, prosseguiu seu trabalho sobre Rousseau como pesquisador do CNRS (Centre Nationales de Recherche Scientifique) francês, e retornou ao país em meados dos anos 70, mas ainda sem poder lecionar em instituições públicas ou financiadas pelo Estado. Em 1977, foi convidado a ingressar na Universidade Federal de São Carlos, convite que aceitou também por razões políticas, porque, na ocasião, seria o primeiro professor cassado pelo golpe militar a ser recontratado por uma universidade pública. (SIMANKE, 2014, p. 211).

Logo após estar inserido dentro da instituição em um departamento não exclusivo para o curso e a área de filosofia, mas sim da educação – no curso de pedagogia – Prado Jr., em meio a todos os acontecimentos fez o que nós chamamos de “do limão, a limonada”, pois ali estando com docentes de várias áreas do conhecimento, desde advogados a sociólogos, o filósofo mesmo com toda a bagagem e com os acontecimentos anteriores, continuou desenvolvendo seus trabalhos – na época, em conjunto com o grupo de técnicos e docentes da área da educação – seguiu realizando pesquisas, sendo responsável e estando na linha de frente numa espécie de minicurso (ou seminário) que segundo Simanke “[...] passou por obras clássicas de interpretação filosófica da psicologia, como o *The Concept of Mind de Gilbert Ryle* (1949) e as incursões que o linguista francês Émile Benveniste fizera pela psicanálise (Benveniste, 1966; 1974)” (SIMANKE, 2014, p. 214).

Com tudo isso acontecendo, o trabalho em conjunto acabou criando um elo de amizade com seus colegas de profissão, que foi desenvolvido partilhando de muitos trabalhos e criações como o Laboratório de Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise, que formalizou institucionalmente as atividades do grupo na elaboração dos seminários.



Ainda pelo rastro do regime militar no Brasil e a volta dos docentes exilados, os programas e projetos de pesquisas voltaram a funcionar abrindo as portas para os estudantes oprimidos por sua bruta violência contra a educação e o pensamento livre. Porém, os docentes da época, assim como a educação básica, sofreram com os investimentos da educação sucateados, e a redução de seus salários, o que não parava o desenvolvimento do futuro campo de pesquisa que temos atualmente. É possível dizer que com o FFPP na Universidade de Campinas no ano de 1984, foi feita uma espécie de convênio entre as universidades e o docente passou a integrar o quadro de professores dentro desta especialização.

Quando o FFPP da Unicamp começou a funcionar em 1984, foi feito um convênio entre as duas universidades e Bento Prado passou a participar do corpo docente daquela especialização. Então, em 1986, ocorreu a chamada “redepartamentalização” na área de ciências humanas da UFSCar. O projeto de abertura de outros cursos de graduação, além do de Pedagogia estava em andamento e novos professores estavam sendo contratados. (SIMANKE, 2014, p. 212).

Esse convênio, pode ser considerado como um pontapé para os trabalhos formados que saíram dali, pois mesmo tendo um grupo reduzido de docentes e posteriormente cada um trabalhar com uma área diferente da educação, é possível e necessário dizer que foi a partir daí que nasceu o Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências em 1988, visando o conhecimento das ciências humanas inseridos na psicologia e na psicanálise.

Nasceu, assim, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, que iniciou suas atividades em meados de 1988, com uma linha de pesquisa voltada para a epistemologia das ciências humanas, mas com um destaque especial para a psicologia e a psicanálise, que se torna compreensível a partir de sua história pregressa. (SIMANKE, 2014, p. 213).

Foi a partir deste Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, que Richard Simanke adentrou neste campo de pesquisa da *filosofia da psicanálise* – anteriormente chamada por Monzani de “Epistemologia da psicanálise”. O mesmo adentrou a pós-graduação de filosofia em 1988, e teve sua dissertação defendida em 1992, sendo a primeira dissertação a ser defendida dentro deste programa, futuramente se especializando e passando a estar no quadro de docentes da instituição – UFSCar – sendo orientador de pesquisadores cujos trabalhos partiam desta amplificação entre duas disciplinas como a filosofia e a psicanálise. Ou seja, foi através de muito estudo, dissertações e teses virando obras, a persistência de docentes – como Prado Jr., que

mesmo sendo exilado para outro país, não parou de estudar e buscar por referências, dentro deste sistema – que temos essa enorme rede de pesquisa

A partir do auferimento dos trabalhos de dissertação de mestrado de Mezan e a tese de doutorado de Monzani que as buscas pela teoria, a leitura e a psicanálise Freudiana começaram a se expandir na década de 80, e diante disso, cada vez mais se era falado a respeito de uma de uma interligação entre a filosofia e psicanálise.

Esse mesmo espírito de coragem e resistência foi mola propulsora para que Chauí aceitasse o desafio de orientar Renato Mezan (1977) na dissertação de mestrado sobre a psicanálise de Freud. Posteriormente, em 1981, Luiz Roberto Monzani, também sob sua orientação, desenvolveu sua tese em Freud, trabalho iniciado em 1975. Ambos os trabalhos contribuíram enormemente na disseminação e capilaridade da leitura freudiana, cada um a sua maneira impulsiona, incessantemente, linhas de investigação, seja no campo da clínica, ou numa perspectiva filosófica. (GRUSHENKA NADER DA ROCHA, 2021, p. 77).

Visto isso, no ano de 2002 no chamado Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), concretizado em São Paulo, foi criado o que nós chamamos hoje de um grupo de trabalho (GT) cujo foco é em filosofia e psicanálise. Após a criação deste grupo na ANPOF, os pesquisadores pertencentes a ele participavam de forma assídua nos encontros e reuniões organizadas por essa associação, com o devido reconhecimento. Pelo alcance que os trabalhos e reuniões estavam tendo, tanto dentro do território brasileiro como fora dele, em 2004 foi decidido que os congressos em filosofia e psicanálise aconteceriam de dois em dois anos. Segundo Simanke, na entrevista em que falou sobre a recepção brasileira da filosofia da psicanálise, quanto mais pesquisadores se interessavam pela área e pelo estudo das obras confeccionadas sobre a psicanálise em Freud, o congresso se expandia, e ganhavam maior visibilidade

Para dar uma ideia do crescimento da área nesse meio tempo, tivemos, nesse congresso, 08 conferencistas internacionais, mais de 40 conferencistas nacionais, cerca de 100 trabalhos aceitos para apresentação nas sessões de comunicações e um público inscrito de cerca de 400 pessoas, mesmo se tratando de um evento realizado numa cidade pequena do interior. Esses eventos continuam ocorrendo regularmente de dois em dois anos: o III CIFP foi realizado na PUC-PR em Curitiba, em 2009, o IV CIFP na UFBA em Salvador em 2011 e o V CIFP na UNIFESP em São Paulo em 2013 (a realização do VI CIFP será decidida no encontro da ANPOF deste ano, no 2º Semestre). Paralelamente, há outros encontros, eventos e atividades ocorrendo em várias instituições, de forma regular ou episódica, seria muito trabalhoso mencionar tudo aqui. (SIMANKE, 2014, p. 215).

Com a ampliação dessa rede de pesquisa foi possível realizar congressos internacionais em instituições como a PUC-SP. A recepção deste campo de pesquisa no Brasil passou a ter pesquisadores e pesquisadoras de dentro e fora do Brasil com eventos

online, diante dos temas e foco de trabalhos do pesquisador, viabilizando seus trabalhos para o público externo.

Nos dias atuais, há uma série de trabalhos em território nacional, trazendo artigos, dissertações, teses, livros e até mesmo homenagens pelos fundadores dessa grande rede de pesquisa no campo brasileiro. Se anteriormente, na época de 70 a 80 os estudantes só tinham as obras de Mezan e Monzani para ter um estudo aprofundado sobre a teoria e leitura freudiana, hoje em dia são incontáveis os números de trabalhos que dão enfoque à *filosofia da psicanálise*, uma disciplina autônoma em que nem filosofia toma, e nem deveria tomar, a psicanálise para si e vice-versa. Essas duas disciplinas devem conversar entre si, e não se colocar em uma situação em que a filosofia tome posse do discurso psicanalítico ou a psicanálise posse de uma crítica filosófica

[...] A filosofia da psicanálise, certamente, não é uma estratégia para colocar a psicanálise sob a tutela da filosofia ou para esta poder reivindicar a última palavra sobre as condições de verdade do conhecimento psicanalítico. Isso seria desconhecer a especificidade e autonomia do campo psicanalítico, cuja salvaguarda constituiu uma das intenções fundadoras dessa área de pesquisa em filosofia. Seria desconhecer também o fato elementar de que a psicanálise não precisa da filosofia para existir, embora possa certamente se beneficiar de seus instrumentos. No extremo oposto, a filosofia da psicanálise o tampouco é uma maneira de fornecer um aval filosófico (ou pseudofilosófico) para a reivindicação de imunidade da psicanálise à crítica filosófica, o que seria hipertrofiar aquele ideal de autonomia epistêmica, degradando-o ao ponto de uma ideologia grupal. [...] (SIMANKE, 2010. p, 210)

Com os artigos atuais de Simanke e Monzani que explicitam sobre que seria de fato esse “novo” campo de pesquisa da *filosofia da psicanálise*, é possível compreender de forma mais eficiente e em poucas páginas onde ela se iniciou, quais são os motivos pelos quais essa disciplina é importante para entendermos o pensamento freudiano, partindo de questões e leituras filosóficas dentro desse aspecto.

No artigo *O que é filosofia da psicanálise?* o filósofo repercute em poucas páginas sua percepção acerca da definição deste campo de pesquisa filosófico. Ali Monzani procura comentar e responder o que se entenderia pela expressão *filosofia da psicanálise*, traçando um caminho no qual este campo de pesquisa possui um distanciamento de expressões como: filosofia da educação, filosofia da física e filosofia da biologia, como Monzani faz questão de exemplificar em seu artigo. No entanto, por mais que exista uma filosofia da biologia, filosofia da física e filosofia da educação, que realizem trabalhos e pesquisas bem-sucedidos, essas disciplinas, ao contrário da psicanálise, estão fortemente ligadas ao que chamamos de “filosofia da ciência”. Já a psicanálise, junto ao que

intitulamos ciências humanas, segue outro tipo de abordagem, não sendo uma disciplina já constituída, ou seja, ela permanece em construção.

Deste modo, tendo sua obra como uma das principais referências no campo da filosofia e da psicanálise brasileira, é possível afirmar que o pensamento e a filosofia de Luiz Roberto Monzani continuam mais vivos do que nunca nos dias atuais. No entanto, é necessário dizer que por mais que seu trabalho e pesquisa tenham trazido grandes descobertas e um grande marco para a filosofia brasileira, sua completude não foi plenamente compreendida.

Contudo, nos últimos anos, sua filosofia vem alcançando cada vez mais notoriedade, principalmente sua obra magna *Freud: O movimento de um pensamento* (1989). Com a criação do GT da ANPOF em 2002 o estudo e a pesquisa do pensamento de Monzani vem se tornando mais acessíveis aos estudantes dos cursos de filosofia e psicologia. Tendo isso em vista, é imprescindível que a pesquisa percorra pelas suas obras de maior envergadura, expondo as inúmeras leituras e concepções dos principais componentes expostos nas mesmas.

Dentro deste parâmetro, determinados elementos identificados pelos comentadores são comuns em suas respectivas análises, sugerindo haver aspectos concordantes entre elas. Tendo como exemplo disso – e essa parece uma característica essencial de sua filosofia – a forma como ele fundamenta a história das relações entre a filosofia e a psicanálise. De forma breve, serão apresentadas as abordagens de diferentes intérpretes das obras e do campo de pesquisa filosófico de Monzani. Elas darão enfoque no tipo de fundamentação que o filósofo utiliza para abordar o campo de pesquisa, cada uma com suas devidas peculiaridades. Neste sentido, objetiva-se esclarecer a perspectiva de Monzani em relação à problemática existente neste projeto de pesquisa, o que é filosofia da psicanálise?, procurando promover um maior panorama interpretativo, que envolva variadas leituras propostas por Luiz Roberto Monzani.

## 2. *A filosofia da psicanálise em Monzani*

O objetivo deste capítulo é apresentar e discutir a definição de *filosofia da psicanálise* em Monzani. Para que isso seja possível, serão utilizados os materiais mais relevantes produzidos acerca de seu sistema filosófico, apresentando as diversas leituras e perspectivas dos seus principais intérpretes no Brasil. Com isso, inicialmente serão apresentadas e discutidas as visões e as perspectivas de Richard Theisen Simanke e Weiny César Freitas Pinto sobre os principais pontos que se encontram na filosofia de Monzani. No entanto, antes disso, faz-se necessário perpassar sobre suas carreiras nesta área de pesquisa e porque seus trabalhos são de extrema importância nos dias atuais para os pesquisadores da área. Além das concepções dos principais intérpretes do filósofo aqui no Brasil, o capítulo dará grande enfoque nos principais textos de autoria do filósofo, tais como *O que é a filosofia da Psicanálise* (2008), *Discurso filosófico e Discurso psicanalítico* (1988) e sua principal obra *Freud: O movimento de um pensamento* (1989).

Richard Theisen Simanke é formado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Filosofia e Metodologia das Ciências pela Universidade Federal de São Carlos (1992) e Doutor em Filosofia pela USP (1997). Foi Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e coordenador do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF no período 2006-2008. Desde sua formação, Simanke fez parte e realizou diversos trabalhos com relação a essa área de pesquisa, é possível dizer que foi com a criação do PPG em Filosofia e Metodologia das Ciências que Simanke começou a fazer parte dessa história. O Filósofo tinha se graduado em Psicologia na UFRGS, em Porto Alegre, no início do ano e procurava um lugar para fazer a pós-graduação onde pudesse estudar a teoria psicanalítica, que era o que mais o interessava.

Após ficar sabendo do curso da UFSCar em São Carlos, o pesquisador se candidatou e ingressou na primeira turma deste curso. Sendo admitido em 1988 e logo após defendendo sua dissertação em janeiro de 1992, o curso tivera seu primeiro trabalho defendido dentro do programa, o qual acabou resultando no primeiro livro do autor, *A formação da teoria freudiana das psicoses*, publicada pela revista Editora 34 e republicado pela Loyola (Simanke, 2009). Em 1997, após concluir seu doutorado na USP sob a orientação de Paulo Arantes a respeito de Lacan, Simanke pôde acompanhar a

expansão deste campo de pesquisa, agora podendo auxiliar e fazer parte do time de professores que tornaram isso possível.

Desde então, o pesquisador seguiu carreira neste campo de pesquisa examinando e apresentando sua concepção do que seria a chamada *filosofia da psicanálise*. Nesse aspecto, veremos a seguir as diferentes dicotomias entre as visões dos pesquisadores e intérpretes de Monzani. Em seu artigo *O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é* (2010), Simanke apresenta este “novo” campo de pesquisa filosófico. A interlocução que o psicanalista apresenta entre a filosofia e a psicanálise está fortemente ligada a Freud que, embora não seja um filósofo, ocupa um lugar importante no campo filosófico contemporâneo. Abrindo assim, inúmeros debates de longa data, que até o momento se davam em terreno predominantemente filosófico. Além disso, Simanke explora o surgimento de novas disciplinas que rodeiam a *filosofia da ciência*, como a *filosofia da biologia*.

A discussão acerca das relações entre filosofia e psicanálise remonta às origens desta última. É sabido que Freud debateu intensa e polemicamente as áreas de competência de ambas as disciplinas, num esforço para demarcar o domínio próprio da psicanálise nascente. Seus principais argumentos assinalam bem suas intenções polêmicas: incapacidade de a filosofia aceitar a hipótese do inconsciente (que não resiste mesmo a uma inspeção superficial da história da filosofia moderna e contemporânea, sem falar na psicologia, na medicina e na literatura) e a natureza quase patológica dos sistemas filosóficos, equiparados aos delírios sistematizados da paranoia. (SIMANKE, 2010, p. 190).

Dentro deste aspecto, enquanto Simanke faz uma tentativa de explicitação mais sistemática do sentido do que se pode entender atualmente como *filosofia da psicanálise*, definido por ele como uma área de pesquisa histórico conceitual, Monzani, a tematiza como um sistema epistemológico, articulando a *filosofia da psicanálise* como uma disciplina legitimamente filosófica. Pode-se dizer que, em seu artigo chamado *O que é a filosofia da psicanálise?* (2008), Monzani apresenta três tipos de concepções de como a *filosofia da psicanálise* deve ser analisada, tendo isso em vista, a primeira forma de análise pode ser concebida por um caminho traçado de uma genealogia conceitual, que estaria vinculado à história das ciências ou do conhecimento, o segundo seria o de uma leitura interna da obra de Freud – caminho esse que Monzani percorre em sua obra – que estaria ligado à análise de procedimentos e encadeamentos discursivos, e, por fim, a terceira e última análise, estaria ligada ao segundo tipo de abordagem, porém, tratar-se-ia de uma forma de trabalho que parte da ideia de que cada disciplina produz um determinado tipo de saber, tendo contornos e especificidades próprias.

Nesse caso, seria realizada uma rigorosa leitura da obra freudiana, considerando o encadeamento de suas teses, postulados etc. Essa abordagem, segundo Monzani, seria capaz de desvelar o método próprio do saber psicanalítico e demarcar critérios adequados para a validação da ideia de verdade em psicanálise, visão que difere do procedimento tradicional da filosofia da ciência, que parte de uma predeterminada ideia de verdade. É exatamente a esse formato de trabalho que Monzani chamou de “epistemologia da psicanálise”. (MOURA CASTRO, 2020, p. 3).

Assim como Simanke, Monzani também discorre e procura elucidar o que seria a chamada *filosofia da psicanálise*, fazendo alguns apontamentos sobre as distinções que esta nova disciplina tem em relação a filosofia da ciência. Seus artigos, de alguma forma caminham por uma mesma linha de pensamentos, pois os autores trazem em seus textos suas observações sobre como a filosofia da psicanálise, é um campo de pesquisa consolidado como qualquer outro. No entanto, tal como Monzani, ele defende que a filosofia e a psicanálise trabalham lado a lado já há muito tempo, visto que Freud teria dado início ao que chamamos de um possível diálogo entre essas duas disciplinas. Simanke assinala que Freud, em seus esforços para delimitar o domínio próprio da psicanálise, argumentara intenções para lá de polêmicas, como:

[...] incapacidade da filosofia aceitar a hipótese do inconsciente (que não resiste mesmo a uma inspeção superficial da história da filosofia moderna e contemporânea, sem falar na psicologia, na medicina e na literatura) e a natureza quase patológica dos sistemas filosóficos, equiparados aos delírios sistematizados da paranóia. Esse empenho tem suas raízes históricas no processo de constituição e de demarcação da psicologia científica – e das ciências da mente em geral – com relação às doutrinas filosóficas que, até então, se haviam ocupado de sua problemática. [...] Esse processo foi contemporâneo ao período de formação do pensamento de Freud; no entanto, pode-se dizer que ele se revestiu de características específicas no caso da psicanálise. Esta última preservou – mais, talvez, que as demais teorias psicológicas ou que a maioria delas, pelo menos – o teor e a tonalidade característica das questões filosóficas implicadas em seus conceitos. Com efeito, muitos dos conceitos freudianos fundamentais aludem diretamente a debates de longa data estabelecidos que, até aquele momento, se travavam sobre um terreno predominantemente filosófico. (SIMANKE, 2010, p. 190).

Ou seja, a partir de debates e conceitos freudianos que se encontravam dentro do terreno filosófico, como *mente inconsciente*, retratados por filósofos de extrema importância para a filosofia contemporânea, como Schopenhauer e Nietzsche, permitiu-se compreender de forma clara, porque a psicanálise, se tornou alvo de interesse por parte da filosofia.

Esse interesse da filosofia pela psicanálise manifesta-se inicialmente na crítica politzeriana (POLITZER, 1928), que influenciou filósofos posteriores como Dalbiez (1936) e Ricoeur (1965), sem falar na influência que teve sobre o primeiro Lacan e sobre Merleau-Ponty. Sua recepção filosófica inclui, ainda, a crítica da filosofia da ciência de inspiração neopositivista: Popper (1963) – a psicanálise como exemplo de pseudociência, Grünbaum (1984), MacMillan (1991), entre outros. Pode-se mencionar, ainda, o interesse pela teoria social

freudiana, motivada principalmente pelos filósofos ligados ou oriundos da Escola de Frankfurt, como Adorno, Fromm, Marcuse, Habermas e o interesse da filosofia francesa, na esteira da reaproximação entre psicanálise e filosofia protagonizada por Lacan: Hyppolite, Jean Wahl, Merleau-Ponty e Sartre, mais tarde Derrida, etc. (SIMANKE, 2010, p. 191).

É possível refletir que a *filosofia da psicanálise*, percorre desde sua criação, até os dias atuais, por inúmeras influências de filósofos que tanto tiveram uma contribuição para essa interlocução, como na fundamentação de suas filosofias ou suas principais teorias e pensamentos. Simanke em seu dossiê, apresenta diversos caminhos pelos quais se pode explicar e contextualizar a forma com que a filosofia e a psicanálise se interligam, desde a implementação de disciplinas filosóficas como a *filosofia da biologia*, à contribuição de Monzani na construção desse campo de pesquisa filosófico no cenário brasileiro. Tanto Monzani, quanto Simanke repercutem a respeito de disciplinas similares à *filosofia da psicanálise*, como a *filosofia da biologia*. Contudo Simanke faz um recorte muito específico em que explicita que depois da filosofia ter se negado a sua condição de ciência fundamental, foi se criando em torno dela, um modelo de disciplinas filosóficas com o teor “filosofia de...”.

Num sentido mais geral, a filosofia moderna e contemporânea, por um lado, assume o problema do conhecimento como seu foco de investigação, que se reparte pelas formas específicas de conhecimento produzidas pelas diversas ciências, práticas e discursos e, por outro, volta-se sobre si mesma, tomando sua própria história como objeto de reflexão, dando origem à história da filosofia como uma disciplina estritamente filosófica. Nesse contexto, as diversas disciplinas filosóficas nomeiam-se segundo uma fórmula genitiva que se tornou típica: “filosofia de...”. Observamos, assim, o nascimento de uma filosofia da natureza, de uma filosofia da história, de uma filosofia da arte, de uma filosofia da educação e, sobretudo a partir do final do século 19 e ao longo do século 20, de uma filosofia da (ou das) ciência(s). Esta, por sua vez, subdivide-se à medida que as especialidades científicas vão tomando forma: filosofia da física, filosofia da química, filosofia da biologia, filosofia da psicologia, e assim por diante. (SIMANKE, 2010, p. 194).

No cenário brasileiro, Simanke revela que o debate filosófico entre a filosofia e a psicanálise se constituiu referente a inúmeras circunstâncias. Dentre elas, é necessário dar enfoque ao modelo universitário francês e à escola estruturalista de história da filosofia, com metodologias rigorosas e explicações de texto. No entanto, na medida em que esse movimento foi ganhando força e, que de certa forma tenha servido de apoio para disciplinar a especulação filosófica no meio universitário, e construir uma nova prática acadêmica de filosofia no Brasil, foi necessário mais do que isso para abranger novos horizontes e encontrar uma via pela qual a reflexão se fizesse superior a meros comentários, Simanke assina-la que essa seria:



Uma dessas saídas consistiu em aplicar a metodologia da análise estrutural de textos fora do âmbito dos sistemas estritamente filosóficos e dos textos dos filósofos clássicos para os quais havia sido criada e, desse modo, a exemplo do que havia ocorrido anteriormente com Marx, diversos filósofos que entravam na vida profissional ao longo dos anos 60 e 70 passaram a se dedicar à leitura, análise e explicação sistemáticas dos textos de Freud e, pouco a pouco, de outros teóricos importantes da história da psicanálise Klein, Winnicott, Lacan, etc. (SIMANKE, 2010. p. 191).

Por fim, após citar Monzani como principal fundador do campo de pesquisa brasileiro da filosofia e a psicanálise, o filósofo repercute, assim como Monzani, que a filosofia não toma e nem deveria tomar a psicanálise para si e vice-versa. Essas duas disciplinas, devem conversar entre si, e não se colocar em uma situação em que a filosofia tomaria posse do discurso psicanalítico e a psicanálise posse de uma crítica filosófica:

[...] A filosofia da psicanálise, certamente, não é uma estratégia para colocar a psicanálise sob a tutela da filosofia ou para esta poder reivindicar a última palavra sobre as condições de verdade do conhecimento psicanalítico. Isso seria desconhecer a especificidade e autonomia do campo psicanalítico, cuja salvaguarda constituiu uma das intenções fundadoras dessa área de pesquisa em filosofia. Seria desconhecer também o fato elementar de que a psicanálise não precisa da filosofia para existir, embora possa certamente se beneficiar de seus instrumentos. No extremo oposto, a filosofia da psicanálise o tampouco é uma maneira de fornecer um aval filosófico (ou pseudofilosófico) para a reivindicação de imunidade da psicanálise à crítica filosófica, o que seria hipertrofiar aquele ideal de autonomia epistêmica, degradando-o ao ponto de uma ideologia grupal. [...] (SIMANKE, 2010. p. 210).

Weiny César Freitas Pinto é professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Possui graduação, especialização, mestrado e doutorado em Filosofia. Atua nas áreas de História da Filosofia moderna e contemporânea, especialmente tradição francesa, com ênfase nos estudos de filosofia da subjetividade, *filosofia da psicanálise*, epistemologia das ciências humanas. No momento desenvolve pesquisa em duas frentes de investigação: 1) História da Filosofia da Psicanálise: sobre a recepção filosófica da psicanálise pelas tradições francesa, alemã, anglo-saxã e brasileira; 2) Estudos de Filosofia Ricoeuriana, análise da obra filosófica de Paul Ricoeur (1913-2005). É coordenador do Grupo de Pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise (UFMS). É membro da Rede Brasil-Ricoeur e da PhilPsyCh - Rede de pesquisa em história e filosofia dos saberes psy e das ciências humanas, da qual foi coordenador em 2022. É pesquisador do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Psicanálise da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), do Grupo de pesquisa Filosofia da Psicanálise da PUCPR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) e do Centro de Estudos de História e Filosofia das Ciências Humanas da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). Atualmente coordena o GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF (2023-2024).

Em sua tese de doutorado, *Do círculo à espiral: por uma história da recepção filosófica da psicanálise segundo o freudismo filosófico francês (Ricoeur) e a filosofia brasileira da psicanálise (Monzani)* – orientado pelo próprio Monzani – Freitas defende a história do freudismo filosófico francês e a filosofia brasileira da psicanálise, argumentando a favor das hipóteses e uma teoria apresentada por Monzani em sua obra magna *Freud: o movimento de um pensamento*, a *Espiral e o Pêndulo*. Nesta obra, o autor expõe os resultados de quatro investigações propostas por ele, sob uma visão geral apresentada na obra freudiana, colocando em questão uma metáfora utilizada pelo filósofo em seu livro.

A abordagem proposta por Monzani permite revisitar a obra freudiana buscando não apenas a compreensão de sua lógica interna ou a melhor compreensão de suas articulações teóricas, mas também considera a possibilidade de promover aberturas conceituais no campo da filosofia que permitem uma reflexão epistemológica mais abrangente do que as usualmente praticadas. Se a visão da investigação epistemológica se apresentava em geral como um programa reducionista e arbitrário, a partir desse novo modelo de reflexão epistêmica temos um programa epistemologicamente mais amplo, diverso e fecundo. (MOURA CASTRO, 2020, p. 3).

A obra de Monzani se propôs a estabelecer uma estratégia para a leitura de Freud que saia das alternativas classicamente impostas no campo dos estudos freudianos, como, o que conhecemos, entre Freud e a hermeneuta, preocupado com a interpretação e o sentido, e o "cientificista", empenhado na formulação de uma teoria reducionista das forças psíquicas que determinam a mente e o comportamento. Com isso, a ideia de "movimento" se apresenta como um conceito verdadeiramente metodológico, aplicadamente determinado, a propósito, no próêmio do trabalho, designado a fundamentar uma estratégia de leitura para ser aplicada a Freud nesse estudo, mas, em princípio, propagado para outras pesquisas científicas, filosóficas e até mesmo literárias, como posiciona Monzani.

É possível dizer que essa metáfora utilizada por Monzani se confronta com o movimento do pensamento de Freud, pois de um lado, há uma *espiral* que se preocupa em responder questões em níveis elevados de complexidade e eficiência, e por outro lado, há um *pêndulo*, que oscila entre respostas opostas a respeito das problemáticas em que o psicanalista se encontrou durante sua vida, desta forma, projetando uma inquietação entre o instrumento do conhecimento psicanalítico ao final de suas obras.

Segundo o filósofo brasileiro, o pensamento de Freud se constitui por meio de um "movimento espiralado". Explicamos minimamente que não se trata de um movimento fundamentado em qualquer finalidade dialética, evolutiva, pré-determinada, mas, antes de tudo, de um movimento originário, próprio ao

modo freudiano de pensar: um modo de pensamento que “avança por oscilação”, baseado, então, na dupla imagem de um pêndulo e de uma espiral. (FREITAS PINTO, 2016, p. 228).

Freitas enfatiza ainda que, por mais que haja inúmeras obras, falando a respeito da interlocução entre a filosofia e a psicanálise, pouco conteúdo se tem para falar a respeito de sua história e de um possível método, por isso, a tese *Espiral* de Monzani se faz presente, pois é nela que a recepção da *filosofia da psicanálise* se constitui no pensamento filosófico brasileiro. No último capítulo de sua obra, *A espiral e o pêndulo*, Monzani faz um breve recorte dos resultados dos quatro capítulos anteriores, em uma visão geral do desenvolvimento da obra freudiana, colocando em “xeque” uma metáfora para retratar e apresentar o trabalho que acabou se tornando um dos grandes trabalhos na história e na literatura do campo em *filosofia da psicanálise*.

Essa metáfora concretiza o movimento da estrutura do pensamento do psicanalista como exercendo, por um lado, numa espiral, que dá continuidade ao tratamento das questões, retomando-as continuamente em níveis mais elevados de complexidade e sofisticação conceitual, mas também, por outro lado, como um pêndulo, que oscila entre soluções opostas para os problemáticas renitentes com os quais Freud se deparou e que revela a persistência do objeto do conhecimento psicanalítico a sua integral constituição teórica.

Em que pese então essa cultura filosófica no Brasil, tão profundamente indiferente em relação a si mesma e as suas próprias realizações, a tese que ensejamos é enfim uma clara filosofia de como a “filosofia da psicanálise”, entendida rigorosamente como a recepção filosófica brasileira do pensamento psicanalítico, ocupa um papel decisivo no desenvolvimento do sentido e na descoberta da natureza da recepção filosófica da psicanálise em geral; e de como tudo isso encontra estímulo e sustentação particularmente na “tese da espiral” de Monzani. (FREITAS PINTO, 2016, p. 234).

Desta forma, depois de uma longa argumentação a respeito da importância de Monzani e sua tese para a recepção da *filosofia da psicanálise* brasileira, Freitas conclui sua tese apresentando duas realizações perpassadas em seu trabalho. A primeira de ordem conceitual, e a segunda de uma ordem metodológica, como o mesmo as define:

Se podemos resumir, portanto, à qual descoberta esta nova compreensão terá nos levado, dizemos que há aí pelo menos duas realizações principais, a primeira de ordem propriamente conceitual: a segunda de ordem mais metodológica: 1) Teremos descoberto que o problema da identidade e autonomia da recepção filosófica da psicanálise, não apenas passa necessariamente pela reflexão brasileira acerca do tema, como recebe dela alternativa de solução e nome próprios, ou seja, se a história e o sentido vêm prioritariamente da tradição filosófica francesa – de seu freudismo filosófico –, é sobretudo a filosofia brasileira que, por meio de sua filosofia da psicanálise, fornece o método e a natureza; 2) Terá surgido uma figura nova de pesquisa no seio da recepção filosófica da psicanálise, a figura de seu historiador, que

consequentemente traz consigo uma linha de pesquisa ainda inexistente no campo: a da história da filosofia da psicanálise. (FREITAS PINTO, 2016, p. 234).

Que a história da *filosofia da psicanálise* está diretamente ligada a Monzani com seus trabalhos e grandes conquistas neste campo de pesquisa nós já sabemos, mas é preciso dizer que esses trabalhos vão além de análises e de obras, o filósofo possui um currículo extenso de orientações de trabalhos de conclusão de curso, mestrado e doutorado. Esses trabalhos retratam todo um programa de investigações teóricas que se originou no país, investigando métodos, teorias e complementando de forma enriquecedora essa recepção entre a filosofia e a psicanálise. O filósofo formou diversos pesquisadores que atualmente utilizam de todo seus conhecimentos para dar continuidade aos seus ensinamentos, nomes como Weiny César Freitas Pinto, Fátima Siqueira Caropreso, Francisco Bocca, Guilherme Germer e Rosana Grushenka Nader da Rocha fizeram de seus trabalhos pesquisas de mestrado, doutorado, projetos interinstitucionais, livros e capítulos de livros.

Além das publicações científicas, das teses de doutorado e da investigação de pós-doutorado, há ainda o projeto interinstitucional de pesquisa, A recepção filosófica da psicanálise: história, tradições e doutrinas, desenvolvido na UFJF, UFMS, PUCPR e Université Paul Valéry, pelos pesquisadores Richard Simanke, Weiny Freitas, Francisco Bocca e Caio Padovan. Todos esses trabalhos evidenciam o desenvolvimento e a consolidação de um verdadeiro programa de pesquisa em torno do problema história- método-recepção. Por fim, claro, há esta edição temática de periódico científico, história e método da recepção filosófica da psicanálise, que realiza, pelo menos, três tarefas importantes: sintetiza o primeiro grande conjunto de esforços empreendidos no sentido de estabelecer o problema história- método-recepção como nova orientação de trabalho – nova “linha de pesquisa” –, faz avançar as investigações em andamento e, de algum modo, abre novo ciclo de trabalho sobre o tema. (FREITAS PINTO; PADOVAN SOARES DE SOUZA; THEISEN SIMANKE; VERARDI BOCCA, 2021, p. 9).

Nesse sentido, são em trabalhos como a tese de doutorado de Rosana Grushenka *História das ideias: Genealogia formativa e disposições da teoria da leitura de Luiz Roberto Monzani (2021)*, que percebemos o quão importante se fez essa recepção e sistematização do pensamento freudiano no campo filosófico. A pesquisadora faz um recorte específico a respeito da história de formação do filósofo Monzani, adentrando o que chamamos hoje de “teoria de leitura” em Freud, com sua obra *Freud: o movimento de um pensamento (1989)*, além disso, Grushenka faz um caminho importante a respeito da chamada Tríplice do campo da *filosofia da psicanálise* – Renato Mezan, Bento Prado Jr., e o próprio Monzani – refletindo sobre todos os passos que a jovem disciplina percorreu para ser o que é nos dias atuais.

A obra de Monzani oferece para o leitor roteiros que incluem textos satélites, o que nos obriga a formar uma espécie de quebra-cabeça. Quer dizer, as informações teórico-metodológicas não estão no lugar em que desejamos que estivessem, por exemplo, as razões e as justificações de uma determinada armação de caráter significativamente histórico pode estar em ensaios críticos paralelos ao escrito principal. Exatamente por essa particularidade que se apresentou a necessidade dessa espécie de mapeamento de índices de teoria da leitura. (GRUSHENKA, 2021, p. 40).

Monzani reestruturou a forma como eram feitas as interpretações sobre as obras de Freud, seu sistema de leitura – se assim podemos chamar – se encarregou e se encarrega permitindo adentrar a obra freudiana investigando além a percepção de sua lógica interna ou a melhor concepção de suas articulações teóricas, mas também considera a viabilidade de proporcionar caminhos conceituais no campo da filosofia que permitem uma consideração epistemológica mais totalizante do que as alternativas utilizadas e praticadas. Em seu artigo *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas*, publicado em 1988, o filósofo explicita que por muito tempo lemos a psicanálise de uma forma errada, com uma visão equivocada, fazendo uma leitura dessa jovem disciplina em uma espécie de sistema filosófico, a colocando em uma situação de uma validação da verdade.

Tem-se procurado também realizar uma leitura epistemológica da psicanálise. Aqui, no entanto, são necessárias algumas explicitações, mesmo que rápidas e, talvez, para alguns, óbvias. Já vimos que a tentativa de se ler a psicanálise através de um sistema filosófico não tem dado resultado positivo algum e, ao que tudo indica, nunca dará, dada a natureza da intersecção considerada. O trabalho da filosofia com relação à psicanálise (e, em geral, com relação às disciplinas que costumamos denominar "ciências humanas") parece exigir algo de outra ordem. Ele está muito mais ligado ao que costumeiramente denominamos "filosofia das ciências" ou "epistemologia". (MONZANI, 1988, p. 14).

Monzani abriu caminhos para que se fosse possível lermos Freud da maneira correta, seus trabalhos, sua teoria da leitura, o caminho percorrido entre suas pesquisas e suas iniciativas para formar novos pesquisadores, foram cruciais para a história da *filosofia da psicanálise*, e isso não pode ser esquecido. Em um período de grandes mudanças, o qual, Monzani viu seus colegas – como Padro Jr – serem caçados pelo golpe militar em 64 e desligados de instituições, o mesmo não se deu por vencido e trilhou seu caminho fazendo da *filosofia da psicanálise* o que ela é atualmente. Portanto, é necessário destacar a importância dos escritos de Monzani como forma de homenagem por todas as atividades confeccionadas nesta linha de pesquisa, que hoje ajuda a formar novos pesquisadores de todos os cantos do Brasil.

### 3. A participação da Mulher na filosofia brasileira da psicanálise

Diante de todos principais trabalhos descritos nos capítulos anteriores, se faz necessário explicitar e trazer os trabalhos, pesquisas e orientações feitas por mulheres dentro do campo filosófico psicanalítico no território brasileiro. Desta maneira, se faz o questionamento, quem são as mulheres que estão à frente das pesquisas em *filosofia da psicanálise* no Brasil? De antemão é possível dizer que não são poucas e seus trabalhos contribuem decisivamente para a consolidação desse campo de estudos no Brasil. Por isso, serão analisados dentro de um parâmetro considerável, a história das mulheres no desenvolvimento da *filosofia da psicanálise* no Brasil, considerando as impressionantes atividades e feitos de pesquisadoras neste campo de pesquisa.

A presença da mulher no âmbito da filosofia brasileira da psicanálise será analisada por meio da menção de alguns nomes que compõem o Grupo de Trabalho (GT) de Filosofia e Psicanálise da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF), dando especial destaque aos trabalhos de Léa Silveira sobre o feminino e Lacan e nas principais autoras no campo filosófico que tiveram uma grande importância para os mais importantes trabalhos sobre Freud no Brasil, como Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola e Marilena Chauí. São nomes como estes que reverberam o trabalho que mulheres enfrentam e lidam no ambiente em que vivem e que merecem ser estudadas e aprofundadas do modo em que trabalham, por isso, ganharão aqui, um destaque mais do que especial.

Para contextualizar, o GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF foi fundado há mais de duas décadas, precisamente em 2002. A filosofia brasileira da psicanálise intensificou-se no território nacional por meio da consolidação deste grupo de trabalho. Se com obras como, por exemplo, as de Monzani (1946-2021) e de Mezan (1950), respectivamente, *Freud: o movimento de um pensamento (1989)* e *Freud: a trama dos conceitos (1982)*, temos um início formal desse campo de pesquisa no Brasil; com o tempo, perspectivas diversas ampliaram a qualidade e variedade de pesquisas realizadas pelos membros do GT. Ou seja, se por meio de Mezan e Monzani a pesquisa em filosofia da psicanálise se fortaleceu, vale salientar que seus trabalhos são frutos de um período em que esse tipo de pesquisa era embrionário no país, e que já se passaram três décadas desde então.

Tendo isso em mente, é importante ressaltar que, no escopo de membros do GT, encontram-se trabalhos realizados por pesquisadoras mulheres, como por exemplo, Léa Silveira, que em suas pesquisas tematizou e tematiza o feminismo a partir de autores como Freud e Lacan. Léa representa uma reflexão feminina no ambiente filosófico-psicanalítico. Antes de abordar suas pesquisas faz-se necessário trazer à tona o caminho que Silveira traçou em sua vida acadêmica para que assim seja possível mostrar os imprescindíveis trabalhos e pesquisas feitas por mulheres dentro dessa “nova” disciplina.

Léa Silveira é professora de Filosofia (graduação e pós-graduação) da Universidade Federal de Lavras, tendo participado da criação do Curso de Licenciatura em Filosofia, do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia nesta universidade. Além disso a docente tem graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, tem mestrado em Filosofia e Metodologia das Ciências e doutorado em Filosofia, ambos pela Universidade Federal de São Carlos, a filósofa é membra do comitê executivo da International Society of Psychoanalysis and Philosophy (SIPP), da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e do Grupo de Estudos, Pesquisas e Escritas Feministas (GEPEF).

Léa Silveira, integrou, entre 2000 e 2009, o Departamento de Filosofia da UFSCar, um dos centros brasileiros mais proeminentes na intersecção entre filosofia e psicanálise, que à época tinha em seu quadro docente Bento Prado Jr., e Luiz Roberto Monzani. Com eles, uma variedade de referências abriu-se em torno do entrecruzamento da filosofia com a psicanálise, e isso proporcionou a Silveira uma ótima formação. Léa possui uma forma refinada de escrita e possui excelência no campo de pesquisa. A junção destes elementos moldou seu método de pesquisa e sua maneira própria de análise de textos, autores e autoras (Martins, 2021, p. 377).

Dentro deste aspecto, tendo em vista seus trabalhos e observando as necessidades e a lacuna existente na exploração científica, em relação a visão e a concepção de um olhar feminino sobre temas que por muitas vezes são discutidos em uma visão amplamente masculina, a autora, evidenciou a viabilidade de concretizar um grupo de estudos com ênfase na leitura e escrita de discussões a respeito do feminino e dos conteúdos que nele permeiam. Em uma entrevista para o canal “Enciclopédia Mulheres na Filosofia”, Léa Silveira discorre que a ideia de criar um Grupo de Estudos sobre leituras e escritas femininas surgiu de muitas conversas e trabalhos com Alessandra Affortunati Martins (uma das fundadoras do Grupo). Segundo Léa Silveira, “o GEPEF

saiu de um desejo de lermos entre nós, nós que pensamos, que escrevemos e discutimos o pensamento feminista entre amigas”.

De forma geral, o Grupo de Estudos, Pesquisas e Escritas Feministas, chamado GEPEF é uma rede de mulheres feministas que produz e discute ideias e textos, dentro e fora do meio acadêmico, além disso também discute, amplifica e ecoa conteúdos produzidos por outras mulheres. Em suma, o projeto se dá por um grupo de mulheres que se encontram virtualmente, uma vez por mês, para discutir um texto e os temas que as rodeiam. O grupo de estudos se integra como um espaço democrático e seguro, especialmente para críticas e discordâncias, que são esperadas e profícuas. O GEPEF, conta com um site com diversos projetos que incentivam pesquisadoras mulheres a escrever, publicar e fazer com que suas vozes sejam ouvidas.

Dentro do GEPEF, a partir de interesses específicos se produzem iniciativas como cursos, seminários, traduções e projetos de comunicação, surgem. O GEPEF nasceu com o objetivo construir um solo comum ao trabalho intelectual de mulheres, hoje ainda muito velado nos espaços de cultura e conhecimento. Transformando e dando embasamento a essa produção, disseminando conhecimento os em rede, ajudando a dar voz as mulheres. Sendo assim, uma forma de debater e discutir tensões e convergências discursivas, de pensamentos e posições, algo ainda restrito à intelectualidade masculina no Brasil. Com esse grupo de estudos em andamento, se percebe a necessidade de conversarmos e debatermos sobre assuntos que permeiam o âmbito feminino dentro e fora da comunidade acadêmica. Mesmo que o grupo de pesquisa (GEPEF), não se restrinja exatamente a *filosofia da psicanálise*, se faz importante acomodá-lo nesta sessão para apresentar as conquistas que estão se fazendo presentes no interior deste grupo de pesquisa, como a obra *Freud e o patriarcado* (2022).

Dito isso, se vê a importância que Monzani (1946-2021) e Prado Jr., (1937- 2007) deixaram como herança que aumenta e se ramifica, nutrindo trabalhos que apresentam a pluralidade de pesquisas em torno da filosofia da psicanálise, dentro e fora do ambiente acadêmico. O GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF abriga um grande número de pesquisadoras que desenvolvem trabalhos a partir de uma introdução à psicanálise, ao estudo do feminino no psicanalista Lacan (1901-1981) ou ao problema da relação entre corpo e consciência. Tais pesquisas são marcadas por uma visão feminina dentro de um campo que é predominantemente masculino, fazendo ecoar de diversas formas – e de formas, por vezes, paradoxal – o célebre aforismo de Lacan “A mulher não existe”. Com



esta frase, o psicanalista simultaneamente vincula e separa as relações entre a psicanálise e o feminino.

A psicanálise é formulada desde Freud como uma teoria da sexualidade humana e ela contribui para compreender o que é único à mulher, porém o faz por meio de uma perspectiva patriarcal. Caso o feminismo utilize este aporte, ele também o denuncia, relatando a violência e a exclusão da mulher como a realidade na qual se inserem os processos psíquicos inconscientes (Silveira, 2020, p. 1).

Trabalhos como o de Léa Silveira são muito importantes. A autora apresenta o debate estabelecido entre a psicanálise – neste caso, lacaniana – e os estudos feministas e de gênero. Suas pesquisas possuem implicações filosóficas sobre a diferença dos sexos. Por meio disso fica evidente a especificidade do trabalho de *filosofia da psicanálise* de Silveira, pois ela investiga as implicações filosóficas do campo psicanalítico, trazendo novas perspectivas sobre problemas contemporâneas a partir de um olhar feminino.

No entanto, dentro deste universo de pesquisa, mais especificamente o do Grupo de Trabalho de Filosofia e Psicanálise da ANPOF, não apenas o feminismo é discutido. Diversas pesquisadoras trabalham em torno das obras de Freud a partir de temas como a pulsão de morte ou a teoria freudiana sobre a cultura e a moralidade; também pesquisam a estrutura em Lacan, a história da *filosofia da psicanálise*, dentre outros trabalhos que debatem e dialogam em torno de temas que estão ligados a psicanálise e ao pensamento filosóficos. É preciso explicitar aqui os imprescindíveis nomes de autoras que abriram caminhos para que se fosse possível discutir problemas e hipóteses da contemporaneidade dentro da visão feminina.

No GT temos muitas pesquisas que se abrem há muitos horizontes, seja acompanhando de um certo tom ou certo espírito de como fazer essa pesquisa da psicanálise inaugurada por Osmyr Faria Gabbi Jr., Luiz Roberto Monzani, Bento Prado Jr., porém, se de um lado temos Monzani e Renato Mezan, que abriram caminhos para que se fosse possível estudar o pensamento freudiano dentro de um ambiente filosófico, é preciso repercutir e trazer à tona a importância de grandes nomes da filosofia que fizeram com que isso fosse possível dentro do cenário dos anos 80.

Já sabemos que a *filosofia da psicanálise* se constituiu no Brasil por trabalhos de Monzani e Mezan, mas é preciso dizer que por trás destes trabalhos havia mulheres que já estavam lá, e com isso, Marilena Chauí e Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola, são nomes de grande destaque quando falamos sobre orientação, principalmente na área da

psicanálise, quando falamos sobre Freud e filosofia. Essas duas doutoras em filosofia foram de grande importância para que trabalhos como os de Monzani e Mezan – que foram orientados por Chauí – saíssem do papel e ganhassem uma forma, se transformando no que são hoje.

Marilena Chauí (1941), em 1960, ingressou no curso de Filosofia da FFLCH-USP e concluiu a graduação em 1965. Em 1966 entrou na pós-graduação da mesma instituição, e, um ano depois, defendeu sua tese de mestrado, em 1966 entrou na pós-graduação da mesma instituição, e, um ano depois, defendeu sua tese de mestrado, intitulada “Merleau-Ponty e a crítica do humanismo”.

Neste mesmo ano, Chauí dá início sua tese de doutorado na França sobre o pensamento do filósofo Baruch Spinoza, concluída em 1971. Tornou-se livre-docente no ano de 1977, com a tese “A Nervura do Real: Espinosa e a Questão da Liberdade “. Até os dias de hoje, leciona as disciplinas de História da Filosofia Moderna e Filosofia Política. Recebeu o título de doutora Honoris Causa pela Universidade Paris 8 em 2003; da Universidade de Córdoba em 2004; da Universidade Nacional de San Juan em 2008; da Universidade Federal de Sergipe em 2008; e da Universidade de Brasília em 2018 – tornando-se uma das mais respeitadas pensadoras da área.

Com este currículo de grande peso, Chauí entra na história *da filosofia da psicanálise* por orientar as teses de mestrado de Luiz Roberto Monzani e Renato Mezan – além de ter sido orientanda de Prado Jr – enquanto a área ainda era insipiente, isso porque não havia trabalhos sobre os assuntos e mesmo que a filósofa não fosse especialista no assunto aceitou orientá-los de prontidão. Apesar de Chauí não ter produções sobre este tema neste campo de pesquisa, se fez necessário falar sobre sua participação na história desta disciplina, já que aceitou e orientou trabalhos de grande importância para a *filosofia da psicanálise*, enquanto não havia trabalhos como estes, descritos anteriormente.

Assim como Chauí, a professora Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola, orientou e deu suporte a diversas alunas que hoje fazem parte desta grande herança da história da filosofia e da psicanálise. Cacciola possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1975), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966), fez seu mestrado em Filosofia na Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1990).

Atualmente é editora responsável da Revista Discurso e pela revista Voluntas da UFSM. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, Presidente da Sociedade Schopenhauer do Brasil, e professora doutora aposentada da Universidade de São Paulo. Tendo experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: Kant e pós-kantianos. Coordenando um grupo de pesquisa de Filosofia Alemã com sede na Universidade de São Paulo, abrindo cada vez mais os caminhos para a pesquisa

Assim como Léa Silveira, existem diversas outras pesquisadoras que contribuem para o desenvolvimento científico, como as membras do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF Amanda Malerba (UNIFESP), Carlota Maria Lassalle Iberty (UFBA), Caroline Vasconcelos Ribeiro (UESB), Cláudia Murta (UFES), Fátima Siqueira Caropreso (UFJF), Fernanda Silveira Correa (UNICAMP), Maria Cristina Sparano (UFPI), Suely Aires (UFBA), Alessandra Affortunati Martins (USP), Aline Sanches (UEM), Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar), Janaina Namba Pimenta (UFSCar), Josiane Bocchi (UNESP), Maria Vilela Pinto Nakasu (HCI), Patrícia Porchat (UNESP), Alessandra Triaca (PUCPR), Elsa Oliveira Dias (PUCSP), Gisele Tiemi de Assis Sugawara (UFLA), Iasmim Cristina Martins da Silva (UFRJ), Isabela Betina Ferreira (UFLA), Izabela Loner Santana (UNICAMP), Julia Joergensen Schlemm (PUCPR), Letícia Campos Silva (PUCPR), Munique Gaio Filla (UFSCar), Paula Rech (UFRGS) e Petra Bastone (UFRJ).

A participação feminina na filosofia brasileira da psicanálise evidencia a importância da mulher nos dois campos e também em cada um considerado em sua própria autonomia, pois os trabalhos aí produzidos permeiam temas que anteriormente não eram tratados como uma visão genuinamente feminina. Originalmente, a psicanálise é baseada em um olhar masculino que muitas vezes desenvolve visões difusas a respeito do feminino, e isso não pode ser ignorado. Dessa forma, mesmo que a psicanálise se aproxime, sob diversos aspectos, do sentido daquilo que é próprio à mulher e à feminilidade, ainda assim é preciso se desprender da moldura patriarcal.

A psicanálise interessa à reflexão feminista na medida em que reivindica para si duas tarefas: elaborar teoricamente o fenômeno da sexualidade humana e, em sendo assumida a tese de que existem processos psíquicos inconscientes, diagnosticar o modo pelo qual eles incidem nas dimensões social e política da nossa experiência – ou seja, nesse caso, trata-se de identificar a maneira como a realidade é informada por fantasias que se estruturam à revelia da consciência, indicando a radicalidade da divisão subjetiva. Ela promove, assim, aportes teóricos – senão ao menos problemas – que parecem ser indispensáveis ao feminismo (SILVEIRA, 2020, p. 114).

Desde os primórdios na antiguidade a figura feminina era vista como um elo fraco e frágil, como algo inferior ao homem, distribuindo assim, um sistema desigual dentro da sociedade. Isso se tornou algo ainda mais forte com o tempo, visto a grande imagem criada pelo homem sobre a mulher. No entanto, não apenas vemos isso em nosso cotidiano, é possível dizer que em alguns autores e em algumas obras, a mulher sempre foi considerada como o outro pelo homem e não como o semelhante. Dentro da filosofia, filósofos como, por exemplo, Aristóteles, Lacan, Schopenhauer, Nietzsche e Kant demonstraram em suas falas um pensamento misógino, pois consideravam a mulher um ser com um raciocínio inferior. Aristóteles em sua obra intitulada *Política*, repercute que a Mulher por natureza é inferior ao homem:

Na *Política*, Aristóteles afirma que “a relação entre homem e mulher consiste no fato de que, por natureza, um é superior, a outra, inferior, um governante, outra governada”, conseqüentemente “a relação entre homem e mulher é de permanente desigualdade”. Dada a desigualdade, a mulher e o escravo possuem a virtude que lhes convêm enquanto mulher e escravo, ou seja, a virtude que é apropriada ao cumprimento de suas funções como mulher e como escravo. O que se aproximaria do tratado hipocrático do regime. A assimetria social acompanha a assimetria entre corpo e alma e à que concerne às faculdades da alma: a alma governa o corpo, a faculdade racional governa a faculdade apetitiva. Quem se deixa governar pelo corpo é degradado, pois obedece à parte irracional do composto corpo e alma. Quem não pode ou não usa a faculdade racional para escolher e decidir a respeito de suas ações e dirigir suas paixões está destinado a obedecer. Por isso o homem livre mandar no escravo, da mesma forma que o marido na mulher e o adulto na criança. Não se trata, como se vê, de negar racionalidade ao escravo, à mulher ou à criança, antes é a impossibilidade de orientar suas ações por um princípio interno de reflexão, deliberação e decisão que os tornam governados. (LOPES, 2010. p, 93).

No artigo de Marisa Lopes, *Para a história conceitual da discriminação da mulher* (2010), professora de filosofia do departamento da UFSCar se confronta com o problema com o modo como Aristóteles retrata as mulheres e estudiosa da obra de Aristóteles, não apenas na política, como também na biologia, com toda uma justificativa metafísica biológica e política em que as mulheres não estejam na esfera pública. No interior da obra do filósofo grego *a Política*, se tem uma ideia de que a mulher é um homem que não deu certo e isso reverbera com muita força no século 20, no qual, a mulher era vista como se lhe faltasse algo, o que é exatamente o que verbete *O feminino e a psicanálise* (2022) que Léa Silveira escreveu para a *Enciclopédia Mulheres na Filosofia* diz sobre o assunto. Em Freud, isso se vê se uma forma mais escancarada em relação a teria do complexo de Édipo entre os processos feminino e masculino.

Todos esses percursos, temas e problemas indicam a riqueza do debate que se instala no diálogo e na tensão entre feminismo e psicanálise e, simultaneamente, assinalam sua importância para um pensamento sobre a

contemporaneidade que leve em conta o sujeito e sua divisão. Além de nos advertir para a presença da vida pulsional em nossas experiências políticas, a psicanálise nos permite identificar elementos centrais das fantasias que a cultura patriarcal construiu em torno da mulher. Porém, ao mesmo tempo em que faz isso, ela reproduz algumas das diretrizes mobilizadas na própria construção dessas fantasias. Pode o conceito freudiano de inconsciente ser preservado sem tal consequência? (SILVEIRA, 2022, p. 5).

Ao longo da história da filosofia há essa ideia que se renova inúmeras vezes, falamos de Aristóteles na antiguidade grega, mas ela se restaura no mundo romano, seguindo no medievo, na modernidade e no mundo contemporâneo – de certa maneira – e ainda sim os nossos cursos começam a ser transformados, mas nos formaram quase que vetando a possibilidade de que nós olhássemos para o modo como os filósofos e autores que tanto estudamos e que nos interessam, tratam e trataram de forma equivocada o sentido único da mulher. Em Freud é possível enxergar essa visão de forma mais clara que Simone de Beauvoir (1908-1986) deixa explícita em seu livro *Segundo sexo (1946)*

Sempre que emergem discursos que associam as mulheres à loucura, à histeria, a uma espécie de natureza frágil e inferior em relação ao homem, que legitimam a desigual distribuição de responsabilidades sociais, seja no campo da política ou em postos de trabalhos, podemos discernir a reprodução de traços misóginos internalizados historicamente na cultura humana. Qualquer estrutura, seja ela cultural, política ou social, que esteja alicerçada em pressupostos essencialistas, baseadas em certas predisposições naturais e que classificam hierarquicamente os homens em uma posição superior em relação à mulher, com base na genitália, pode ser tida como misógina. A história nos revela que os homens sempre garantiram preponderância nessa distribuição de poder e as mulheres foram continuamente colocadas em submissão pelo simples fato de serem “mulheres”. Para exemplificar o argumento, podemos nos reportar às críticas apresentadas por Simone de Beauvoir a respeito das teorias desenvolvidas por Freud, acerca da inveja que o pênis despertaria, “naturalmente”, nas meninas. Para a mencionada autora, tal teorização deriva de uma tradição epistêmica corrompida por dispositivos que buscam inferiorizar as mulheres. A inveja do órgão masculino, em verdade, não ocorreria por uma contingência intrinsecamente biológica, mas pelo símbolo de poder que o órgão genital masculino representaria. (PONCIANO, 2022, p. 166).

Todavia, mesmo que durante todo esse tempo desde a antiguidade até a contemporaneidade aforismos e teorias como estas ainda sejam levadas de maneiras extremas, decorrente ao machismo estrutural, a filosofia, mais precisamente, a *filosofia da psicanálise*, tem aberto um enorme caminho para que questões como essas sejam orquestradas de formas variadas, quer dizer, as questões que antes não eram debatidas e comentadas sobre um olhar feminino e que infelizmente podem ter ficado ausentes na formação de pesquisadores.

A ausência e o silenciamento das mulheres na história da filosofia têm alertado estudiosos e pesquisadores do campo filosófico. De fato, é notório uma invisibilidade feminina na história da filosofia, como também, nos espaços acadêmicos, sendo raras as professoras e alunas nesse meio. E isso tudo é

decorrência do ofuscamento das mulheres no passado, e que percorre até os dias de hoje. Devido a perguntas frequentes como: Por que não há filósofas? Por que as mulheres não fizeram e não fazem filosofia? É que surgiu uma reflexão acerca do obscurecimento da mulher dentro da filosofia. Para o esclarecimento dessas questões foram realizados estudos investigativos sobre as teorias de filósofos, debruçando-se nos pontos que falavam sobre a condição feminina diretamente ou indiretamente. (BORGES, 2022, p. 2).

No entanto, a jovem disciplina nos vem mostrando que isso hoje está em constante desenvolvimento, a situação não está resolvida, mas um caminho está se trilhando, tendo em vista os ilustres trabalhos e pesquisas realizadas por pesquisadoras brasileiras – falando especificamente, dos nomes citados anteriormente das membras do GT filosofia e psicanálise – cada vez mais nos confrontamos e nos distanciamos do sexismo de uma “tradição” antiga a respeito da história do patriarcado, com o intuito de discernir duas dimensões da história da filosofia, por um lado a dimensão dos argumentos que não podemos abrir mão para pensar ética, política, estética e a dimensão que essas configurações do patriarcado se imiscuíram na linguagem desses pensadores que acabam desautorizando tantos acontecimentos da história antiga.

A mulher sempre esteve presente na história da humanidade. Todavia, sua imagem sempre foi representada de modo pequeno e inferior, principalmente quando comparada ao homem. Desta forma, a presença feminina ao longo da história foi obscurecida, resultando no distanciamento da mesma em atividades ligadas ao intelecto, ou seja, todas aquelas atividades consideradas de “cunho masculino”. Por isso, as mulheres ficaram reclusas em espaços restritos, onde não podiam exercer e desenvolver qualquer atividade ligada ao intelecto e ao bem público. Assim, a imagem das mulheres não poderia estar associada à capacidade racional de pensamento, pois não lhe foi dada a chance de mostrar tais capacidades e habilidade a respeito que a questão do posicionamento das mulheres - como o de sua natureza - no decorrer da história foi influenciado por discursos, os quais acabavam tecendo negativamente a imagem da mulher, buscando justificar a “submissão feminina” em fatores biológicos ou naturais. Como as mulheres não tinham espaço, esses discursos foram realizados pelos homens, que as teceram como o sexo frágil, complexo, limitado e de natureza inferior. Que homens ajudaram a tecer essa imagem? Os filósofos foram alguns desses homens. Muitos deles trataram as mulheres de forma negativa, são raros os que destacavam uma posição contrária a da negatividade em relação ao sexo feminino. Alguns tentaram amenizar essa ideia de inferioridade - para não dizer misógina - nas mulheres, apelando para uma essência feminina e com isso buscando racionalizar as diferenças entre homens e mulheres. Desta maneira, obtinham uma explicação que justificasse as desigualdades e a exclusão das mulheres como pertencentes da humanidade. (BORGES, 2022, p. 1)

Destarte, a visão feminina na filosofia ganha cada dia mais espaço com os trabalhos confeccionados sobre assuntos que antes eram trabalhados com uma visão altamente masculina. Atualmente, a pesquisa está se ampliando e se tornando uma peça fundamental para entendermos o que é interior à mulher. É claro que não se pode esquecer e mudar a inviabilidade que filósofas e mulheres vivenciaram na história, visto o preconceito de gênero e a misógina que acontece desde a antiguidade até os dias atuais,

mas também é preciso dizer que nos dias atuais há uma grande mudança e avanço em condições como essas e que os imprescindíveis trabalhos dessas mulheres foram uma espécie de pontapé para o que se conseguiu hoje. Dentro do grande campo de *filosofia da psicanálise*, há diversas pesquisadoras com temas que nos cercam e nos ajudam a entender de forma mais aprofundada assuntos que pertencem ao feminino, estudando assuntos e temas importantes que cercam o campo filosófico e psicanalítico, trazendo novas perspectivas e debatendo assuntos de extrema importância que atravessam a sociedade patriarcal.

Não há como modificar a invisibilidade que estas mulheres sofreram em seu tempo, mas para que não permaneçam ocultas no presente e nem no futuro, é necessário questionarmos e ao menos fazê-las visíveis no agora da filosofia. Isso é fundamental para que possamos responder aos questionamentos, principalmente daquelas mulheres que, atualmente, se interessam por filosofia, para que assim quando entrarem em cursos dessa área não se sintam excluídas, ou menos capazes, achando que a filosofia é feita apenas por homens. É importante salientar que o fato de dar som as vozes femininas que contribuíram para a filosofia, não significa que deverá haver uma desvalorização, ou que devemos repudiar os filósofos por terem moldado as mulheres de maneira insignificante. Isto deverá servir para que possamos compreender o pensamento de cada um deles dentro do seu respectivo contexto histórico, o que possibilita também a uma análise da condição feminina. Deste modo, realizando tal estudo podemos, de certa maneira, “reparar” algumas injustiças cometidas com as mulheres do passado, e assim garantindo que semelhantes injustiças não percorram na atualidade. (BORGES, 2022, p. 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o itinerário do projeto PIBIC, cujo tema foi *A recepção filosófica da psicanálise: história, tradições e doutrinas*, surgiu a necessidade de acoplar e aprofundar ainda mais as contribuições que filósofos brasileiros trouxeram para o campo da *filosofia da psicanálise*. Por isso, a pesquisa perpassou pelas principais obras, artigos e autores que participaram assiduamente da longa caminhada que esta linha de pesquisa percorreu desde os anos 80 – em um cenário paulista – até os dias atuais, em todos os cantos do território brasileiro. Por ser considerada uma disciplina que está em constante desenvolvimento, falando de uma expressão específica e um campo particular de estudos dentro da filosofia que se concentra nas implicações filosóficas e teóricas da psicanálise, as aspas e o itálico são utilizados com frequência ao termo “filosofia da psicanálise” para assinalar que se trata de uma expressão específica e de uma abordagem particular dentro do âmbito da filosofia, que se relaciona às teorias da psicanálise de Freud e ou de outros estudiosos e psicanalistas. Esses recursos são aplicados para destacar a conexão entre a filosofia e a psicanálise, evidenciando sua confluência e influência bilateral. *A filosofia da psicanálise* é um campo que estuda as implicações filosóficas, teóricas e epistemológicas dos principais fundamentos da psicanálise, como concebida por Sigmund Freud e outros psicanalistas. Este campo de pesquisa, procura investigar indagações relacionadas à mente, inconsciente, subjetividade, significado, linguagem e conhecimento, procurando compreender as contribuições da psicanálise para a filosofia e vice-versa.

O capítulo um consistiu em realizar um levantamento sistemático e produzir um mapeamento descritivo da área de pesquisa em *filosofia da psicanálise* no Brasil, tanto em termos de inserção institucional e processos de formação de pesquisadores, quanto de produção teórica. Considerando o plano de trabalho proposto, constatou-se que os primeiros trabalhos sistemáticos a respeito da interlocução entre a Filosofia e a Psicanálise no Brasil começaram a partir dos anos 80, no estado de São Paulo. Esses primeiros trabalhos consistiram em uma espécie de estudo da psicanálise em um “âmbito” filosófico. Nesse momento não se tinha ainda a noção do avanço que a interlocução dessas duas áreas alcançaria futuramente.

Dentre os muitos pesquisadores dessa área estão Bento Prado Jr., (1937-2007), Luiz Roberto Monzani (1946-2021), Renato Mezan (1950) e outros pesquisadores que



podem ser considerados pioneiros neste campo. Assim, ao observar a lacuna existente na exploração científica em relação ao termo *filosofia da psicanálise*, bem como a exploração limitada entre a diferença deste campo de pesquisa aqui no Brasil e em outros países, notou-se a viabilidade de elaborar um projeto de pesquisa com ênfase nas principais discussões a respeito da recepção e definição deste campo de pesquisa filosófico, sob a perspectiva dos autores dele pioneiros, apresentando as diversas leituras e perspectivas dos seus principais intérpretes no Brasil. Por isso, por meio deste trabalho, se espera que estudiosos e pesquisadores possam adquirir ainda mais conhecimentos sobre essa, com ajuda dos materiais desenvolvidos e aqui discutidos.

No capítulo dois foi apresentado a definição de *filosofia da psicanálise* em Monzani. Para que isso fosse possível, foram utilizados os materiais mais relevantes produzidos acerca de seu pensamento filosófico, discorrendo sobre as diversas leituras e perspectivas dos seus principais intérpretes no Brasil. Com isso, foram apresentadas inicialmente a visão e perspectiva de Simanke, e Freitas Pinto sobre os principais pontos que se encontram em sua filosofia. Além das concepções dos principais intérpretes do filósofo aqui no Brasil, o capítulo deu grande enfoque aos principais textos de autoria do filósofo, e às principais contribuições que Monzani deixou para o campo da *filosofia da psicanálise*.

No capítulo três foi dissertado a respeito da participação da mulher dentro do cenário filosófico e psicanalítico, realizando um questionamento sobre o feminino frente às pesquisas em *filosofia da psicanálise* no Brasil. Dentro deste aspecto, foram analisados, dentro de um parâmetro considerável, a história das mulheres no desenvolvimento da *filosofia da psicanálise* no Brasil, considerando as atividades desenvolvidas por pesquisadoras neste campo de pesquisa. A presença feminina, assim como os grandes trabalhos confeccionados por pesquisadores, foram analisados e mencionados dentro deste espaço que compõe o Grupo de Trabalho (GT) de Filosofia e Psicanálise da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF), dando especial destaque aos trabalhos de Léa Silveira sobre o feminino e Lacan, e nas principais autoras deste campo filosófico que tiveram uma grande importância para os mais importantes trabalhos sobre Freud no Brasil, como Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola e Marilena Chauí.

Para contextualizar, o terceiro capítulo foi desenvolvido de forma a contribuir para o conteúdo deste trabalho de conclusão de curso, visando a valorização dos trabalhos

desenvolvidos no interior do campo de *filosofia da psicanálise* no território brasileiro, com nomes de pesquisadoras, que fazem parte do grupo de pesquisa desta linha de pesquisa desde sua criação até os dias atuais. Tendo realizado um ensaio sobre o tema deste capítulo em uma revista eletrônica, se viu a necessidade de realizar a continuidade deste texto, neste trabalho, de forma a compreender a história e a trajetória da participação feminina dentro do ambiente filosófico e, posteriormente dentro deste campo de pesquisa que se encontra em desenvolvimento. Mesmo não obtendo uma conectividade com o tema da pesquisa em questão, se viu necessário trazer esta pauta neste trabalho, para que se fosse feita uma discussão sobre o protagonismo das mulheres que se foi criando na filosofia e que alcançou a *filosofia da psicanálise*.

Por isso, por meio deste trabalho, se espera que estudiosos e pesquisadores possam adquirir ainda mais conhecimentos sobre esta área de pesquisa, com ajuda dos materiais desenvolvidos e aqui discutidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. Política. Trad. e notas de A. C. Amaral e C. C. Gomes. Edição bilíngüe. Lisboa: Vega, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. (1949 a). **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- MARTINS, Alessandra Affortunati. Léa Silveira: olhar microscópico. **Eleuthería - Revista Do Curso De Filosofia Da UFMS**, Campo Grande, v. 6, n. especial, p. 375-384, mai./out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/13114>. Acesso em: 01 nov. 2023.
- LOPES, M. Para a história conceitual da discriminação da mulher. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], n. 15, p. 81-96, 2010. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v0i15p81-96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64831>.
- MEZAN, Renato. **Freud: A Trama dos Conceitos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- MOURA CASTRO, T; PINTO FREITAS, W.C. **Epistemologia da Psicanálise**; Campo Grande, Ermira Cultura, 2020.
- MONZANI, L. R. **O que é a filosofia da psicanálise?** Philósofos: Editora de Goiânia, v.13, n. 2, p. 11-19, jul.\ dez. 2008
- MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MONZANI, L. R. **Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 20, p. 134, 1988.
- PINTO FREITAS, Weiny César. **Do Círculo a Espiral**: por uma história e método de recepção filosófica da psicanálise segundo o freudismo filosófico francês (Ricouer) e a filosofia brasileira da psicanálise (Monzani). 2016. Tese (Doutorado) – Curso de Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- ROCHA, Rosana Grushenka Nader. **Da História das Ideias**: Genealogia Formativa e Disposições da Teoria da Leitura de Luiz Roberto Monzani. 2021. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021.
- Revista FAPESP. Filósofo do diálogo possível, 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/filosofo-do-dialogo-possivel/> Acesso em: 23 ago. 2023.
- SIMANKE, Richard Theisen. **O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.11, n.esp., p.189-214, mar. 2010
- SIMANKE, R. T.; NOGUEIRA, F. R. C. **Reflexões sobre a área de pesquisa Filosofia da Psicanálise**: um depoimento sobre sua constituição em São Paulo. Analytica: Revista

de Psicanálise, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 201–228, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/630>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SILVEIRA, Léa. Feminismo e psicanálise. **Blogs de ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na filosofia**, Campinas, v. 6, n. 3, p. 114-127, 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2020/03/PDF-Feminismo-e-psicana%CC%81lise.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SILVA BORGES PACHECO, Juliana. **Mulher é a filosofia: onde estão as filósofas? – Editora da PUCRS, 2022.**

PONCIANO, J. V. FREUD E A MISOGINIA. **Eleuthería - Revista do Curso de Filosofia da UFMS**, v. 7, n. 13, p. 165 - 177, 30 set. 2022.